



VI CONBALF

**ALFABETIZAÇÃO
E DEMOCRACIA:
DIREITO À LEITURA
E À ESCRITA**

CONGRESSO
BRASILEIRO DE
ALFABETIZAÇÃO

ISSN 2763-8588

A HISTÓRIA DA PALAVRA ESCRITA: um relato de experiência sobre as oficinas e suas contribuições para o ensino de História

Eixo temático: Alfabetização e história

Resumo: Este trabalho refere-se a um relato de experiência vinculado a uma oficina desenvolvida no componente curricular de História. A oficina foi realizada com estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental da rede municipal de Tubarão/SC, no primeiro semestre de 2023. Trata-se de uma experiência que busca relacionar teoria e prática, com vistas a explorar a história do surgimento da escrita como produção humana com a experiência de uma oficina pedagógica em que os estudantes vivenciaram a prática da escrita cuneiforme, sistema de linguagem oriundo da Antiga Mesopotâmia. O trabalho foi desenvolvido com base na pedagogia histórico-crítica, que possui como fundamentos a filosofia materialista histórico-dialética e a psicologia histórico-cultural. Conclui-se que a oficina, em conjunto com os demais elementos que orientam a pedagogia histórico-crítica, proporcionou aprendizagens significativas para os estudantes. Espera-se que as reflexões aqui apresentadas possam contribuir para futuros debates acerca de práticas docentes que busquem objetivar a articulação dos saberes sistematizados com a prática social, tanto no âmbito da disciplina de História quanto em outros componentes curriculares.

Palavras-chaves: prática pedagógica; educação básica; escrita cuneiforme.

1. Introdução

A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. [...] Ora, o saber sistematizado, a cultura erudita, é uma cultura letrada. Daí que a primeira exigência para o acesso a este tipo de saber seja aprender a ler e escrever (SAVIANI, 2013, p. 14).

A relação existente entre a história e escrita é extremamente forte, a ponto de ser definida como fator que divide a *história* da *pré-história*. Ainda que entendamos que o período designado "pré-história" não signifique ausência de produção histórica, é fato que a escrita tem peso importante no que tange aos registros da produção humana ao longo do tempo, pois nasce a partir da complexificação das sociedades e se torna instrumento de reprodução de saberes e culturas construídos anteriormente.

Para a pedagogia histórico-crítica (PHC), o conhecimento histórico caracteriza-se como elemento fundamental para elucidar como se deram as relações sociais ao longo do tempo e compreender a sociedade atual como síntese desta produção humana (SAVIANI, 2019). Deste modo, também a escrita é vista como resultado desta produção que nasce da necessidade da humanidade de registrar suas ações. Em relação à linguagem escrita, Bakhtin (2003, p. 270) afirma: "A língua é deduzida da necessidade do homem de auto-expressar-se, de objetivar-se".

Ou seja, a invenção do sistema de escrita não surgiu por acaso, mas sim como consequência das mudanças profundas nas sociedades durante o período do surgimento das primeiras cidades organizadas. Ela está intrinsecamente ligada à prática social de contabilizar os produtos comercializados, registrar os impostos arrecadados e organizar o Estado (REIS, 2019). Com ela – a palavra escrita – o ser humano criou uma forma de registrar suas ideias, se comunicar e transmitir seus conhecimentos às gerações futuras com as quais não se relacionavam diretamente. Conforme Gontijo (2002, p. 28), "a escrita, que nos primórdios de sua criação tinha outras características, qualidades e propriedades, ao ser apropriada, foi sendo transformada, passando a ser portadora de novas funções sociais". O surgimento da escrita é, portanto, uma produção histórica e cultural.

Sendo a invenção do sistema de escrita parte dos conhecimentos produzidos pela humanidade, é fundamental que seja tematizada na escola; é responsabilidade da escola garantir a apropriação desse objeto cultural que é a escrita, compreendendo sua função social e o modo esta se transforma ao longo da história, assim como refletir sobre essa evolução e seu impacto na constituição dos sujeitos, no momento histórico atual. A busca pela gênese

de um determinado saber pode permitir novas aprendizagens, promovendo a formação humana que leve o estudante a uma ação crítica e significativa em sua realidade social.

Mediante essa concepção, ao refletir sobre nossa prática docente e as contribuições da P, percebemos a necessidade de romper com a lógica de aulas com conteúdos meramente expositivos, que não dialogam com a prática social dos estudantes, tampouco colaboram para uma prática social transformadora. Era necessário repensar o ensino de História para compreendê-lo sob uma perspectiva crítica, oportunizando aos alunos conhecer, vivenciar e refletir sobre as diversas manifestações presentes na história da humanidade.

Emerge dessas reflexões iniciais o presente relato de experiência, que teve como temática central o surgimento da escrita por meio da realização de uma oficina sobre a escrita cuneiforme, considerada um dos primeiros sistemas de linguagem escrita da humanidade, desenvolvida pelos sumérios na região da Mesopotâmia por volta de 3.500 a.C. Desenvolver esses estudos de modo que as crianças possam compreender os sentidos da escrita para a humanidade, desde o seu surgimento e sua evolução, muito vai contribuir para que os sujeitos compreendam os sentidos da linguagem escrita e sua historicidade neste momento.

A seguir, esboçamos os fundamentos teórico-metodológicos que orientaram nossa prática pedagógica, com destaque a psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica.

2. O ensino de História e a prática pedagógica: fundamentos teóricos

A relação entre a leitura e a escrita e o componente de História deve abranger dois níveis diferentes e complementares. Primeiro, espera-se que o estudante possa fazer uso da escrita como instrumento essencial na sua vida, que ultrapasse a técnica mecânica do ato de escrever, para além do “hábito de suas mãos e de seus dedos, mas como um verdadeiro aspecto novo e complexo da linguagem” (VIGOTSKI, 2021, p. 274)². Por outro lado, também se constitui como instrumento capaz de ressignificar suas práticas sociais, colaborando para a construção de novos saberes que ampliam e qualificam o olhar do estudante acerca da realidade.

Portanto, a leitura e a escrita no componente curricular de História ultrapassam o simples domínio do código escrito e pressupõem que o estudante possa utilizar tais instrumentos para ler o mundo. “[...] Um olho no texto e outro na realidade social circundante constituem a receita mais apropriada para as atividades de leitura e escrita numa aula de História” (SEFFNER, 2006, p. 123).

Entendemos que a escola é instituição fundamental para apropriação dos saberes historicamente construídos, responsável pela educação formal que preza pelo conhecimento científico a fim de elevar os sujeitos culturalmente. Para a teoria histórico-cultural, portanto, os processos de apropriação e construção do conhecimento se dão no plano das relações sociais, e o papel do professor constitui-se como fundamental, já que este se configura como sujeito que apresenta e elucida os instrumentos culturais da humanidade (MARTINS, 2013).

A prática pedagógica, nesta perspectiva, tem centralidade na categoria da *mediação*, na qual estão inseridos o estudante e o professor. Em posição distinta do estudante, cabe ao professor ter como ponto de partida para o seu planejamento uma prática social inicial, que é comum ao estudante e ao professor, mas vivenciada por eles de forma diferenciada, uma vez que o estudante ainda possui uma visão empírica. Após, cabe ao professor, que possui uma visão já sintética da prática social inicial, identificar questões que emergem da mesma (problematização). Dela decorre a mediação, quando o docente procura organizar o ensino, já que este dispõe de ferramentas teóricas e práticas (instrumentalização) para que os estudantes possam compreender e se apropriar de tais saberes (catarse), visando a uma prática social transformada (SAVIANI, 2019).

No tópico a seguir, relatamos a tentativa de materializar a metodologia sugerida pela pedagogia histórico crítica e suas diferentes etapas em uma prática de ensino de História que teve como temática o surgimento da escrita.

3. “Uma aula diferente”: a oficina de Escrita Cuneiforme

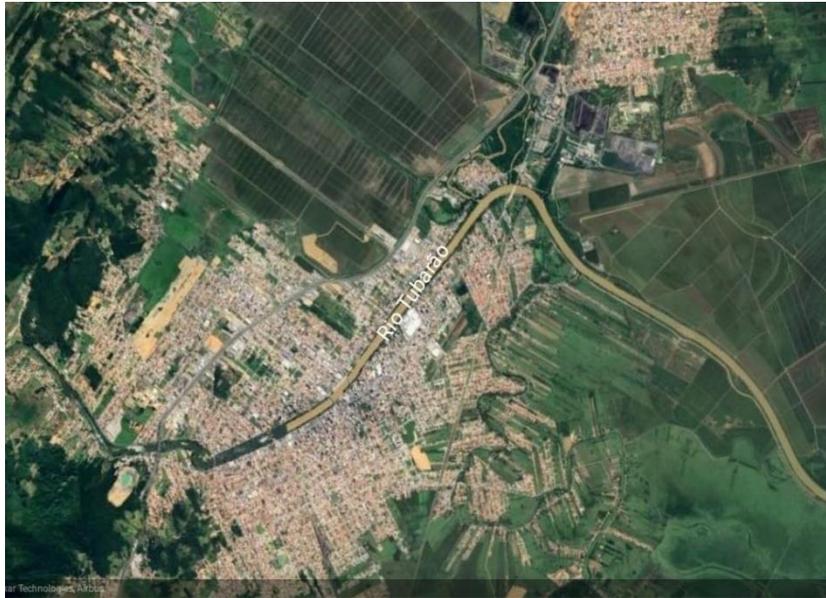
De acordo com Paviani e Fontana (2009, p. 79), uma oficina possui como característica o planejamento, o que pressupõe a organização do planejamento prévio, que se caracteriza “por ser flexível, ajustando-se às situações-problema apresentadas pelos participantes, a partir de seus contextos reais”.

Neste sentido, a opção de organizar uma oficina para qualificar a experiência dos estudantes ao abordar o tema do surgimento da escrita fundamenta-se na ideia de transpor o discurso docente no intuito de refletir sobre o conteúdo com os participantes da oficina, gerando momentos de discussão e socialização.

Antes de passarmos para a oficina em si, é importante destacarmos o caminho que o grupo percorreu com a professora. Para introduzir o assunto, cuja centralidade estava na origem das primeiras cidades da humanidade e seu legado, partimos da análise de duas imagens. A primeira refere-se a uma fotografia de satélite, reproduzida a partir do Google Earth, e retrata a cidade de Tubarão, município no qual a turma está inserida, cuja origem tem

forte ligação com o rio de mesmo nome. A segunda é um mapa da região da Mesopotâmia, localizada no Oriente Médio e palco das primeiras ocupações sedentárias da humanidade.

Figura 1 – Imagem aérea do município de Tubarão/SC



Fonte: Elaborado pelas autoras com base no Google Earth (2023).

Figura 2 – Localização da Mesopotâmica



Fonte: DUBY (2010, p. 25).

A partir da análise destas imagens, procuramos envolver os estudantes em diversos questionamentos, tais como: “*Vocês saberiam dizer o que estas imagens representam?*” “*Que elemento geográfico estas duas imagens têm em comum?*” Rapidamente, os estudantes elencaram a presença dos rios cortando as imagens e identificaram a primeira, que

representava o município de residência deles. A seguir, perguntamos sobre a relação entre os rios e a área ocupada e, como tínhamos trabalhado anteriormente o processo de sedentarização no período Neolítico, no qual a humanidade procura fixar moradia próximo às áreas férteis, logo expuseram o motivo pelo qual as cidades eram cortadas pelo rio.

Como a primeira imagem era mais próxima da realidade dos estudantes, começamos o trabalho a partir da história local, da origem da cidade de Tubarão. Iniciamos com o questionamento acerca do nome da cidade. Como foi tema trabalhado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, muitos estudantes apontaram que a origem do termo estava ligada aos grupos indígenas que viviam na região, que chamavam o rio de *Tub-Nharô*, termo que significa “pai feroz” e que faz alusão ao rio que dá vida, mas que, por ser um rio volumoso, também é perigoso¹. Retomamos esta questão e enfatizamos a importância do rio para o desenvolvimento da cidade. Logo após, desafiamos os estudantes a pensarem sobre o significado do termo “mesopotâmia”, orientando-os a buscarem o significado no dicionário. Descoberto o significado – terra entre rios –, logo fizeram a relação das duas imagens com mais exatidão.

Foi a partir deste contexto que iniciamos nossa aula a respeito do surgimento das primeiras cidades da humanidade ao longo da região mesopotâmica. Nela, reforçamos os conceitos de *revolução agrícola* e *sedentarização*. Em seguida, situamos a descoberta da agricultura e da pecuária com o aparecimento dos primeiros aglomerados populacionais. Continuamos explicando que houve um considerável aumento populacional, já que sem a condição de serem nômades, os grupos estavam menos vulneráveis e que, com o aumento populacional, houve o surgimento das atividades especializadas e do comércio.

Para ilustrar o desenvolvimento técnico da época, a aula foi enriquecida com diversas imagens de instrumentos elaborados pelos povos mesopotâmicos: ferramentas agrícolas, roda, adornos, objetos cerâmicos, entre outros. No meio destas imagens, uma estava em destaque: a que representava a escrita cuneiforme.

Neste momento, dirigimo-nos à turma para ver se o objeto em destaque era de seu conhecimento. Alguns estudantes inferiram que, na época, não existia papel e, portanto, “*escreviam no barro*”. Com base nessas inferências, questionamos os estudantes sobre “*como*” “*por que*” os mesopotâmicos inventaram a escrita naquele momento. Como esperado, obtivemos o silêncio como resposta. A partir daí, retomamos a questão do comércio para exemplificar como ocorriam as transações mercantis da época, associando a invenção de um sistema de contagem, registro e escrita às atividades comerciais da Mesopotâmia.

¹ Conforme Vettorreti (1992), a história e o desenvolvimento da cidade de Tubarão ocorreram por meio do rio, que no século XVIII funcionava como entreposto comercial entre a serra gaúcha e o porto de Laguna. Em suas margens estão as ocupações mais antigas da cidade.

No decorrer da aula, ilustramos o desenvolvimento da escrita nas suas diferentes fases, até culminar no sistema sumério: a escrita cuneiforme. No momento da apresentação, sempre abertas ao diálogo, procuramos levá-los a pensarem sobre a escrita na atualidade e os questionamos sobre em que momento e/ou lugar eles aprenderam a ler e a escrever. A maioria respondeu que foi na escola que aprenderam a técnica da escrita. A partir desse contexto, passamos a trabalhar as relações de poder e o uso da escrita na Antiguidade, apresentando aos estudantes a função social do escriba e os privilégios sociais que a escrita proporcionava. O momento suscitou reflexões sobre a importância de saber ler e escrever na atualidade e do papel da escola para proporcionar esse conhecimento a todos igualmente. Ao final desse período, convidamos os estudantes a participar de uma oficina da escrita cuneiforme, que seria desenvolvida na aula seguinte, o que gerou grande entusiasmo entre os mesmos

No dia da oficina, buscamos desafiá-los a escrever algumas sentenças simples a partir dos signos sumerianos expostos no quadro. Objetivando nos aproximar da técnica realizada pelos escribas da época, iniciamos o preparo da argila. Após amassá-la e deixá-la homogênea, os estudantes formataram o material em pequenos tabletes. Com os suportes prontos, era hora de colocar a mão na massa: com palitos pontiagudos, similares aos instrumentos dos sumérios, iniciaram-se as inscrições na argila. O trabalho em pequenos grupos suscitou diversos diálogos sobre o que deveriam escrever, a dificuldade em manusear o instrumento e a dificuldade que era reproduzir a escrita cuneiforme a partir dos signos que estavam disponíveis.

Figura 3 – O desenvolvimento da oficina



Fonte: Produzido pelas autoras (2023).

Figura 4 – Estudantes durante a oficina de Escrita Cuneiforme



Fonte: Produzido pelas autoras (2023).

Foi, sem dúvida, um momento de grande descontração e aprendizado, no qual os estudantes puderam experienciar um sistema de escrita primitivo e distante da realidade atual. Frases como “*não era fácil ser escriba, não!*” e “*como é que eles gravavam tantos desenhos na cabeça?*” foram alguns dos sentimentos verbalizados pelos estudantes na oficina. Ao mesmo tempo em que demonstravam insegurança, desafiaram-se a inscrever diferentes sentenças, colocando-se no lugar dos escribas.

Como proposição final, solicitamos aos estudantes que registrassem suas impressões sobre a oficina, trazendo os pontos que mais lhes chamaram a atenção e o que puderam aprender nas últimas aulas acerca do tema.

4. “*Eu pude experimentar como eles faziam antigamente*”: considerações acerca da oficina pedagógica

Por fim, ao desenvolver a oficina sobre a Escrita Cuneiforme, buscamos aproximar os estudantes das necessidades e realizações sociais de um determinado tempo histórico, colaborando para o desenvolvimento de um novo saber, uma nova forma de orientação da vida no presente, porém não podemos deslocar esse contexto “do fluxo histórico dos enunciados” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 221).

A seguir, apresentamos os relatos de dois estudantes, onde eles expressam seus

² O estudante fazia referência aos diferentes símbolos sumerianos que representavam ideias, objetos ou palavras. Ao todo, somavam-se cerca de 2.000 símbolos diferentes, número infinitamente inferior aos símbolos da escrita alfabética utilizados hoje, tornando-a um sistema mais acessível.

sentimentos ao vivenciarem a oficina.

Figura 5 – Relato da estudante Ana Julia

Relato de experiência
Oficina de Escrita Cuniforme

Identificação do estudante: Ana Julia Trindade Ribeiro

Minha experiência

Na aula de hoje nós aprendemos o que é escrita Cuniforme e como eles realizaram antigamente. Eles usam uma pequena tabua feita de argila e depois para escrever na argila eles usam coisas bem afiadas como ossos, pedras, etc. O que motivou o seu surgimento foi porque eles precisavam de tipo um documento. Eles usam as tabuas feitas de argila para isso. Eles deram esse nome pois eles faziam sinais em forma de linha. Eu aprendi como eles usavam as tabuas de argila e adorei a experiência pois pude experimentar como eles faziam antigamente.

Fonte: Produzido pelas autoras (2023).

Figura 6 – Relato do estudante Vinícius

Relato de experiência
Oficina de Escrita Cuniforme

Identificação do estudante: *Vinícius da Silva*

Minha experiência:
Experiência de forma cuniforme

Hoje, no dia 18/05/2023 fizemos uma atividade na aula de história sobre o (escritores) escrito cuniforme. Eu escrevi meu nome e o do meu irmão. Nós usamos argila e pedras de churrasco.

O escrito cuniforme é um tipo de escrito que foi usado pelos sumérios. Recebe este nome porque seu principal instrumento é o cunho e ele parece com um pedrito de churrasco.

O surgimento desse modo de escrito foi motivado pelo fato de as pessoas precisarem registrar algumas acontecimentos e etc, por isso ele usava o argila.

Eu aprendi na oficina sobre quais eram as palavras em cuniforme e como elas eram escritas. Lá na oficina foi muito muito legal e divertido pois foi muito diferente das aulas comuns. A aula foi recreativa.

Fonte: Produzido pelas autoras (2023).

Percebemos que, a partir da problematização e da instrumentalização sobre o objeto de estudo – o desenvolvimento do sistema de escrita –, os estudantes tiveram a oportunidade de se aproximar de elementos que os fizeram refletir sobre uma determinada realidade do passado e ainda relacioná-la com a atualidade, ou seja, eles puderam percebê-la historicamente. A oficina, em conjunto com os processos de mediação dos conhecimentos prévios dos estudantes com o conhecimento mais avançado do professor, levou os estudantes a uma atividade de reflexão que culminou na produção de um determinado conhecimento (ainda que limitado) sobre a realidade e a compreensão (ainda que simplificada) da forma como este conhecimento foi construído, atingindo o objetivo de nossa proposta inicial.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DUBY, Georges. **Atlas histórico mundial**. Barcelona: Larousse, 2010.

GONTIJO, Claudia Maria Mendes. **O processo de alfabetização: novas contribuições**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MARTINS, Ligia Marcia. Os fundamentos psicológicos da pedagogia histórico-crítica e os fundamentos pedagógicos da psicologia histórico-cultural. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 5, n.2, p. 130-143, dez. 2013.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, Caxias do Sul, v.14, n. 2, p. 77-88, maio/ago. 2009.

REIS, Caroline Kirsten. **História da escrita: uma contextualização necessária para o processo de alfabetização**. 2019. Monografia (Licenciatura plena em Pedagogia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: novas aproximações**. Campinas: Autores associados, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. rev. Campinas: Autores associados, 2013.

SEFFNER, Fernando. Leitura e escrita na história. *In: NEVES, Iara C. B. et al. (Org.). Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. 7. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006. p. 111-126.

VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão: das origens ao século XX**. Tubarão: Prefeitura Municipal, 1992.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **História do desenvolvimento das funções superiores**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2. ed. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.